

# GDF explica remoção da favela da 110

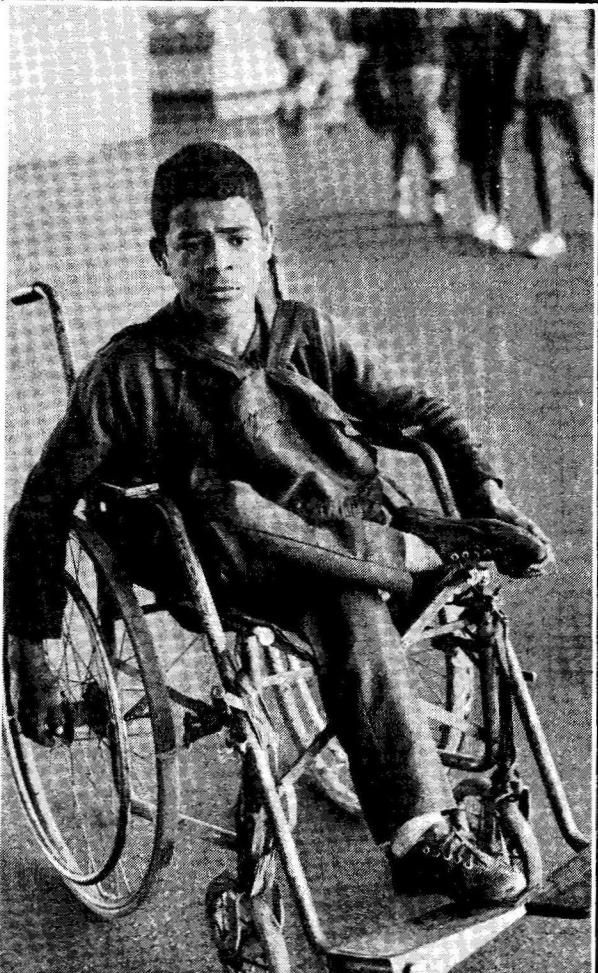
Parlamentares e secretários debatem em tom áspero e quase brigam no Senado

EUGENIO NOVAES/ARQUIVO



21/10/86: Aparecido promete a nova cadeira

JOAQUIM FIRMINO



25/08/87: Jairo ainda espera o presente

Até as 21h30 de ontem, quando a sessão durava mais de duas horas e quatro parlamentares já haviam falado, nenhum deputado ou senador do PMDB ou PFL defendeu na reunião da Comissão do Distrito Federal no Senado, a atitude do governo em remover, há cerca de dez dias, a favela da 110 Norte. A defesa do Governo correu unicamente por conta dos secretários Carlos Magalhães (Viação e Obras) e Adolfo Lopes (Serviços Sociais) que foram prestar explicações sobre a remoção, e tiveram que travar rispidos diálogos com os parlamentares.

Apesar de ser composta por mais de 15 membros titulares e suplentes, somente os senadores brasilienses Meira Filho (presidente) Pompeu de Souza e Mauricio Corrêa, (que ficou pouco tempo na sala), compareceram à reunião da Comissão do DF, ontem à noite. O plenário ficou repleto com a presença dos deputados Sigmaringa Seixas (PMDB), Geraldo Campos (PMDB), Márcia Kubitschek (PMDB), Jofran Frejat (PFL) e Walmir Campello (PFL), de assessores e jornalistas.

Magalhães e Lopes compareceram à comissão em atenção a requerimento enviado pela presidência do

órgão ao Governo do Distrito Federal convocando os dois secretários a informarem os senadores sobre as razões que motivaram o governo a promover a remoção da favela da 110 Norte. O primeiro a expor sua versão sobre os fatos foi o secretário de Serviços Sociais.

O secretário garantia que durante as conversas com os favelados lhes informou que havia três alternativas entre as quais eles poderiam escolher uma: poderiam receber passagens de ônibus para suas cidades de origem, um auxílio-moradia durante trinta dias, ou receber um lote em Brasilinha. Ele admitiu ter errado no processo de convencimento dos invasores a deixarem a quadra 110 Norte, ao levá-los diretamente ao cerrado em Brasilinha onde receberiam os lotes. Apenas 125 famílias aceitaram ser assentadas no local. Lopes revelou existirem no DF 46 invasões, sendo que 251 mil pessoas não têm casa própria para morar.

Por sua vez, o secretário de Viação e Obras disse não ter tido qualquer tipo de satisfação em remover a favela da 110 Norte. "Sou arquiteto, sempre ganhei minha vida na prancheta. Não é agradável que eu tenha de ir para o pô manhã

de domingo num aeroporto", criticou. Ele repudiou as acusações de que o governo vem recebendo os opositores em relação ao problema da moradia. "A oposição aqui, às vezes, é irracional em suas críticas", declarou ante um surpreso senador Mauricio Corrêa, que ficou lívido e não conseguiu esconder uma carranca de insatisfação com o ataque. O parlamentar pedetista não se fez de rogado. Após acentuar que a invasão da quadra 110 Norte se deu pela "incúria e desatenção do GDF" e de dizer que a mudança das famílias para Brasilinha era "transferir o ônus para o governo de Goiás", Corrêa frisou: "Irracional é o governo que V. Exa. integra. Nós continuamos com nossa irracionalidade combatendo um governo irracional".

Sigmaringa Seixas acusou GDF de ter praticado violência ao remover a invasão. Lopes rebateu declarando que a invasão de terrenos públicos se constitui numa forma de violência, e disparou ferino: "Nos 60 dias em que estivemos na 110 Norte não vi o senhor uma única vez", disse, apontando para o deputado peemedebista. "Não fui como político demagogo, mas a convite da Associação de Moradores" — replicou Sigmaringa.